

## Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

### **Um Modesto Rabiscador de Notas Cinematográficas: Paulo Fontoura Gastal e a Construção de Espaços Culturais na Década de 1940 em Porto Alegre.**

Eduardo de Souza Soares<sup>1</sup>

**Resumo:** Com nossa comunicação, pretendemos discutir a atuação de um importante personagem da vida política e cultural de Porto Alegre: P. F. Gastal, profundo conhecedor e estudioso da sétima arte, dizia ser um “modesto rabiscador de notas cinematográficas”. Em sua atividade intelectual, deixou registrada a angústia quanto aos rumos da cultura local frente ao avanço da influência norte-americana. Responsável maior pela fundação do Clube de Cinema em 1948, aproveitou bem o prestígio adquirido ao promover diversificados eventos, encontros em que os grandes nomes da arte gaúcha em suas diferentes expressões sempre estiveram presentes. Em plena Guerra Fria, em uma sociedade marcada pelo “way of life”, a voz dissonante de Paulo Fontoura Gastal nos leva a refletir sobre as experiências e memórias desta cidade.

**Palavras-Chave:** P. F. Gastal – Comunismo – Cinema.

**Abstract:** With our communication, we intend to discuss the behavior of an important character of the political and cultural life of Porto Alegre: P. F. Gastal, a profound and studious well-known of the seventh art, he told that he was “a modest scribbler of movie notes”. In his intellectual activity, he let registered his anguish about the direction of the local culture in front of the north-american influence. The great responsible by the foundation of the Movie Club in 1948, used his prestige to promote a big variety of events, meetings in which the great names of the local art in its different expressions were always present. In the middle of the Cold War, in a society marked by “way of life”, the dissonant voice of Paulo Fontoura Gastal give us the opportunity to reflect about the experience and memories of this city.

**Keywords:** P. F. Gastal – Communism – Cinema.

#### **Um Pouco de P. F. Gastal:**

Gastal tinha dezenove anos quando começou a escrever. Intelectual habilidoso, não é difícil perceber sua paixão pelo cinema ao estar diante de qualquer um de seus textos. Intitula-se um “modesto rabiscador de notas cinematográficas”, mantendo sempre um diálogo franco com os seus leitores, respondendo cartas, apontando defeitos nas salas de cinema e adiantando algumas novidades em que breve seriam vistas nas telas. Charles Chaplin sempre esteve presente em seu olimpo particular, graças a esta paixão, não só adotou entre seus

---

<sup>1</sup> Eduardo Soares é formado em História pela PUCRS, é especialista em História Contemporânea pela FAPA e atualmente é mestrando do curso de História da PUCRS como bolsista do CNPq.

pseudônimos o personagem Calvero, que Carlitos interpretara em Luzes da Ribalta, como também conservou um bigodinho típico e uma bengala pouco confortável que exibira até o final de sua vida.

Estabelecido em Porto Alegre por volta do ano de 1946, e reconhecido por sua famosa assinatura, Gastal defendia a maior de suas teses, a de que o cinema continuava sendo “o mais importante meio de expressão do nosso tempo”. Seus textos para a Revista do Globo tentavam unificar informação com uma linguagem clara e de fácil acesso, adaptando seu estilo às exigências de uma publicação quinzenal e de grande circulação. Responsável agora por artigos de maior visibilidade, começava a criticar abertamente o cinema americano ao passo que descobria e defendia o cinema soviético, nascido das ruínas da guerra e com forte conteúdo político e ideológico, opiniões no mínimo “estranhas” em se tratando de um periódico que, desde o berço, sempre esteve comprometido com os interesses da elite política.

*Consta que foi dentro da própria Livraria do Globo, no ano de 1928, em uma das tantas reuniões de sábado entre os homens de letras e da política, que Getúlio Vargas, então presidente do Estado do Rio Grande do Sul, acompanhado pelo seu secretário do Interior e Justiça, Oswaldo Aranha, teria sugerido a José Bertaso a publicação de uma revista moderna, digna de representar a Capital do Estado (DALMÁZ, 2002:33).*

As idéias que Gastal defendia nas páginas da Revista do Globo contrastavam em muito com o momento em que o país se encontrava. É preciso lembrar que em plena segunda metade da década de 1940, o Brasil do governo Dutra abertamente defendia uma postura de alinhamento com o governo norte-americano, que iniciara uma violenta campanha anticomunista. Para boa parte da sociedade brasileira, o novo presidente representava a defesa da Constituição, mas quando se tratava dos comunistas e dos trabalhadores organizados, o legalismo era convenientemente esquecido.

O PCB surgia em 1946 como o quarto partido do país. Com considerável representatividade, elegera em seus quadros senadores, deputados e vereadores em pontos estratégicos como São Paulo e o Distrito Federal. Calcula-se que em 1946 o partido contava com algo entre 180 e 200 mil militantes. Era o início de uma época marcada pela repressão ao Partido Comunista, fruto do peso de concepções retrógradas endêmicas à sociedade, do crescimento deste partido e da modificação das relações internacionais entre as grandes potências, onde o Brasil automaticamente alinhou-se aos Estados Unidos, desprezando os

interesses nacionais ao romper com a União Soviética, comprovando assim a ingerência de seus governantes.

Em maio de 1947, a partir de denúncias apresentadas por dois deputados do PTB, o Supremo Tribunal Federal decidiu cassar o registro do Partido Comunista. A decisão controvertida baseou-se no texto da Constituição, onde era vedada a existência de qualquer partido político cujo programa ou ação contrariassem o regime democrático, baseado na pluralidade dos partidos e na garantia dos direitos fundamentais do homem. No mesmo dia do fechamento do PCB, o Ministério do Trabalho ordenou a intervenção em vários sindicatos e fechou uma central sindical controlada pelos comunistas. Embora fosse real a influência dos comunistas em muitos sindicatos, era evidente que, em nome do combate ao comunismo, o governo tratava de quebrar a espinha das organizações de trabalhadores contrários à sua orientação, baseada na ótica do novo conflito mundial que iniciara oficialmente naquele ano.

*A festa de confraternização dos vencedores do nazi-fascismo durou muito pouco tempo. A China e a Grécia se tornaram o campo de confrontação de uma guerra civil. A hegemonia dos Estados Unidos e o equilíbrio europeu eram ameaçados pela ocupação direta ou indireta dos países do leste da Europa pela União Soviética. Confirmavam-se desse modo as suspeitas pessimistas sobre as intenções de Stálin. Em resumo, as esperanças da paz mundial desembocaram no que se convencionou chamar de “guerra fria” (FAUSTO, 2003:402).*

Eram os primeiros passos da Guerra Fria que atingiam não só o Brasil, um momento onde a população mundial assistia a uma caminhada rumo à Terceira Guerra Mundial. E esta é a grande contradição deste artigo, como entender o homem que, não só amava o maior ícone do anticomunismo norte-americano, como criticava abertamente o cinema hollywoodiano, elogiando e defendendo um cinema soviético marcadamente político? O posicionamento de Gastal, ao admirar e, por vezes, defender os inimigos dos Estados Unidos, estaria relacionado a algum tipo de postura ideológica ou suas análises não passavam de simples considerações estéticas acerca das películas “subversivas” conforme a ótica da opinião pública e de setores conservadores da sociedade norte-americana?

Nesse exato instante, julgamos necessária uma pequena pausa para refletir sobre uma palavra em especial, ideologia. Não somos pretensiosos o bastante para discutir com maior profundidade os muitos significados deste termo, certamente seria necessária uma análise muito mais cautelosa do que esta a que nos propomos. É exatamente por esta razão que, com base em alguns pressupostos da definição de Norberto Bobbio, adaptamos este

conceito conforme os limites desta comunicação. Portanto, ideologia designa “um conjunto de idéias e de valores respeitantes à ordem pública e tendo como função orientar os comportamentos políticos e coletivos” (BOBBIO, 2000:585).

Ao pensar a atuação de P. F. Gastal, mais precisamente à luz de nossa hipótese, onde apontamos para um quadro em que este intelectual era no mínimo “simpático” ao ideário do partido comunista, ideologia representa “um sistema de idéias conexas com a ação, que compreendem tipicamente um programa e uma estratégia para a sua atuação, e destinam-se a mudar ou defender a ordem pública existente” (BOBBIO, 2000:587). Além disso, tem a função de manter conjuntamente um partido ou outro grupo empenhado na luta política. A distância com o passado não mais nos permite saber se Gastal fora ou não comunista, mas nossa pesquisa nos habilita a afirmar que certamente ele não estava satisfeito com a ordem vigente, e seu trabalho nitidamente pretendia questionar o mundo em que vivia.

Não são muitas as obras que resgataram as memórias de Gastal, mas pelo menos duas merecem a nossa lembrança, a de Tuio Becker em *Cadernos de Cinema de P. F. Gastal* e a de Fatimarlei Lunardelli em *Memória e Identidade: A Crítica de Cinema na Década de 1960 em Porto Alegre*. Ambas, de alguma forma, registram imagens de suas vivências ao lado do crítico ou tentam, através de seus textos, recuperar o seu pensamento. Nossa única ressalva incide sobre a falta de “combatividade” do autor, ele sempre é citado como um homem de grande talento, altamente capacitado para as tarefas que exercia, mas nada além disso. Nossa perspectiva transcende esta aparente superficialidade, pois identificamos alguns traços na biografia de Gastal que nos permitem reviver um sujeito que, com grande habilidade, soube questionar as mazelas de seu tempo, participando ativamente desta sociedade.

Um bom exemplo destes pequenos avanços propostos por nossa pesquisa, encontramos no relato de um militante histórico e membro do PCB, João Aveline. Absolutamente fiel aos princípios que orientavam o “partidão”, ativista social que atuou em boa parte de sua vida na clandestinidade, em seu livro de memórias, onde registrou episódios que verdadeiramente marcaram sua vida, escreve algumas páginas em respeito às vivências do amigo. Lá, mais do que em qualquer outro relato, fica evidenciada a tecla em que insistimos a bater, o caráter combativo e, usando uma palavra muito sugestiva do autor, de militância política exercida por P. F. Gastal em sua vida profissional.

*Aconteceu a greve dos trabalhadores nos veículos da Caldas Júnior. Tudo porque a empresa, no plano inclinado da decadência, célere no caminho da falência, financeiramente exaurida, nem dinheiro tinha para pagar seus funcionários. Entre eles o P. F. Gastal, que, mais uma vez, noutro terreno, no das lutas sociais, mostrou qualidades de cidadania, defendendo seus direitos e de seus companheiros. Foi demitido (AVELINE, 1999:78).*

Este é um relato que de forma alguma poderíamos desconsiderar. Mas arriscaríamos ir um pouco mais além, não apenas apresentando memórias de antigos amigos e colegas de profissão, mas lembrando os caminhos de sua vida profissional. Graças ao trabalho incessante do historiador e jornalista João Batista Marçal, incansável no esforço de preservar a história da imprensa operária no Rio Grande do Sul, descobrimos que P. F. Gastal não circulava somente nos periódicos tradicionais de Porto Alegre como o Correio do Povo e a Revista do Globo, prática comum entre os intelectuais independentemente de suas preferências políticas, como o próprio exemplo de João Aveline confirma, mas também em um órgão do Comitê Municipal do PCB, *Libertação*, sendo um de seus mais importantes secretários.

*Órgão do Comitê Municipal do PCB. Apareceu em 14 de abril de 1945. Lema: “Democratização, Progresso, Pela Organização Unitária do Povo”. [...] A Libertação era um tipo de revista, publicado semanalmente, e estava vinculada ao MDP – Movimento Democrático Progressista, do qual o professor Rubens Maciel era o principal dirigente. Esse órgão era impresso sob a responsabilidade da Editora Libertação S/A. Porta-voz também dos Partidários da Paz (MARÇAL, 2004:158).*

Encontramos ainda, vestígios de uma produção aparentemente inédita de P. F. Gastal, comprovando que, mesmo não compondo o corpo diretivo como em *Libertação*, houve colaboração com outro importante veículo do Partido Comunista, a *Revista Horizonte*. Tendo aparecido em Porto Alegre em março de 1949, representou com extrema habilidade o ideário do “partidão”, compondo uma importante fonte de estudos por registrar questões culturais e ideológicas da atuação da esquerda na cidade. Era uma revista mensal pertencente aos intelectuais gaúchos do PCB. Com sucessivos intervalos, circulou até 1956. São estes caminhos e descaminhos na vida deste crítico de cinema, que nos levam a crer que seu envolvimento com o ideário da esquerda era algo presente em sua vida.

### **Nasce o Clube de Cinema:**

A cidade de Porto Alegre respirava cinema nos já distantes anos 1940. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, frutificara uma semente plantada no Estado Novo, o gosto pelos

filmes de origem norte-americana. Trata-se de uma preferência por narrativas lineares, que não exigissem do público grande capacidade intelectual para interpretá-las. Os personagens criados pela indústria hollywoodiana determinavam em grande medida a conduta dos jovens porto-alegrenses. Mas nem tudo estava perdido neste tempos de “way of life”. Graças ao trabalho de Gastal e de outros importantes nomes da intelectualidade gaúcha, em 1948 seria criado um novo centro de discussões, o Clube de Cinema de Porto Alegre.

*Os aficionados de um cinema padrão mais elaborado irão reunir-se em grupos para degustar as especialidades colocadas no mercado. Nasce, na cidade, o Clube de Cinema de Porto Alegre, em 13 de abril de 1948. O Clube - como era tratado pelos íntimos -, irá girar em torno de uma grande figura: o jornalista P. F. Gastal. (GASTAL, 1999:72).*

Paulo Fontoura Gastal ainda não trabalhava no Correio do Povo quando fundara o Clube de Cinema. Contudo, foi justamente graças ao trabalho dos cineclubistas, especialmente ao do seu presidente que, apenas para ilustrar este trabalho com um exemplo significativo, Monsieur Verdoux, o novo filme de Charles Chaplin, recebeu algum tipo de divulgação e mais, uma interpretação coerente, visto que o sentimento de anticomunismo era muito intenso em determinadas parcelas da população, não deixando a película ilesa dos reflexos da caça às bruxas. De acordo com Carla Rodeghero, entendemos o anticomunismo como “um conjunto de idéias, de representações e de práticas de oposição sistemática ao comunismo” (RODEGHERO, 2003:28).

O anticomunismo nos remete quase que automaticamente para uma discussão ainda mais ampla, afinal, ao pensar a Porto Alegre do final da década de 1940, mais especificamente no momento em que a nova película de Carlitos chegara na cidade, o acirrado debate estabelecido em torno do filme, consequência das perseguições que seu criador fora vítima nos Estados Unidos, leva-nos a definir outro conceito, imaginário. Como afirma a autora, o imaginário, entendido como uma representação global ou um conjunto orgânico de representações, “interfere nas práticas dos indivíduos ou instituições, forjando sentidos, identidades, definindo comportamentos, inculcando valores, atribuindo méritos, corroborando ou condenando atitudes” (RODEGHERO, 2003:29), dele derivando uma poderosa força de instauração ou de legitimação do social. Estando claro o conceito, voltemos ao Clube de Cinema.

Foi com a criação do Clube de Cinema que os porto-alegrenses passaram a ter acesso a um conhecimento mais aprofundado sobre a especificidade do cinema, sua história, sua linguagem, seu sistema de realização, a importância de cada membro dentro de uma equipe de filmagem, enfim, todo o universo que outrora fora desconhecido para a maioria. Sua principal finalidade era desenvolver o estudo, a defesa e a divulgação da arte cinematográfica, nada parecido com os “fãs clubes” norte-americanos, verdadeiros cultos aos atores, aliás, Gastal afirmava que este era um erro que os porto-alegrenses não correriam o risco de ver repetir. Fiéis à linha francesa de pensamento, os cineclubistas iriam valorizar os diretores e as grandes obras.

*O grupo fundador era um misto de jovens sonhadores, cheios de energia, e veteranos inquietos, profissionais consagrados, empenhados em contribuir para a coletividade. Gastal tinha vinte e seis anos, enquanto Plínio Moraes chegava aos quarenta; Araújo era um jovem de vinte e cinco e Fernando Corona um senhor de quarenta e sete. O vice Goidanich completara vinte e oito anos. Esta mistura respaldou e deu legitimidade para o empreendimento. A sociedade, através de seus intelectuais proeminentes, apoiou a iniciativa (LUNARDELLI, 2000:34).*

Nesta mesma época, mais especificamente no ano de fundação do Clube de Cinema, como demonstrativo do sentimento de resistência contrário à aculturação do “way of life” norte-americano, surgia em Porto Alegre um outro movimento histórico. Com a proposta de “recriar” o homem do campo, nascia o primeiro Centro de Tradições Gaúchas, o CTG 35. A recriação na cidade de um espaço de cultura rural marca profundamente a representação do gaúcho, gerando um mercado de bens materiais e simbólicos na música, na literatura e no próprio cinema, onde os filmes do cantor regionalista Teixeira, na década de 1970, traduziam este sentimento de melancolia e saudade do homem que perdera suas raízes frente a uma cultura estranha à sua.

O Clube de cinema desempenhou importante papel social e cultural, na medida em que funcionou como foco irradiador da cultura cinematográfica. Enquanto entidade constituída, e por reunir uma importante liderança cultural local, conquistara legitimidade para estabelecer contatos que trouxeram para Porto Alegre as mais diversas produções cinematográficas. Muitas foram as oportunidades em que os cineclubistas foram levados exclusivamente pela curiosidade, pouco importando a excelência das produções, afinal, o prazer em desvendar novos horizontes na arte cinematográfica era maior. Pólo atrativo de importantes nomes do cinema nacional, os encontros muitas vezes serviam de palco para que os cidadãos desfrutassem de palestras e seminários.

O que garantia ao Clube seu fácil acesso junto aos porto-alegrenses e, me arrisco a dizer, a adoção de algumas posturas “perigosas” em se tratando do final da década de 1940, época marcada pela coerção imposta pela Guerra Fria, a lembrar os elogios ao cinema soviético, a crítica áspera ao cinema norte-americano e a admiração por Charles Chaplin, era a importância de P. F. Gastal. O crítico alcançara sucesso e prestígio junto à população graças às funções que assumira no Correio do Povo, a partir de 1949, permitindo-lhe um bom trânsito entre as autoridades do período bem como uma escassa liberdade que soube aproveitar graças ao talento que lhe era nato.

*O Clube de Cinema de Porto Alegre é um espaço de excelência, e um espaço alternativo à hegemonia do cinema americano pós-Segunda Guerra. Isto não significa que o Clube tenha uma convivência atribulada com os exibidores locais. Ao contrário, várias casas cedem suas instalações para as sessões que acabam por se consolidar nas manhãs de domingo, sem ônus para a agremiação. Também as fitas são cedidas graciosamente pelas distribuidoras, demonstrando que a convivência é mais do que cordial, e que os próprios exibidores reconhecem o trabalho educativo e de formação de platéias, realizado pelo Clube. O lugar de Gastal, no Correio do Povo, também foi determinante para esta política de boa vizinhança (GASTAL, 1999:76).*

O final dos anos quarenta significa o momento áureo das salas de cinema em Porto Alegre. Nessa época, há o maior número de cinemas na cidade, alguma coisa em torno de cinquenta casas e vinte e oito distribuidoras, totalizando aproximadamente mil funcionários. Destacava-se o chamado “circuito de Darcy Bittencourt”, dono de importantes salas de exibição como o Roxy, o Rex, o Coliseu, o Garibaldi, o Tália e o Cinema Rio. Época do chamado cinema familiar, na rede da família Castello incluíam-se ainda o cinema Imperial, o Castello, o Ritz, o Rosário, o Marrocos e o Marabá. Este é um universo que ainda merece ser mais bem estudado, é preciso reconhecer que estes espaços representavam palcos de grandes discussões, e certamente Paulo Fontoura Gastal foi um maestro ao tentar conduzir os gaúchos nos encantos da sétima arte.

### **Referências Bibliográficas:**

- AVELINE, João. **Macaco Preso para Interrogatório: Retrato de Uma Época**. Porto Alegre: Age, 1999.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- BAZIN, André. **Charlie Chaplin**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- BECKER, Tuio. **Cadernos de Cinema de P. F. Gastal**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1996.
- BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. São Paulo: Unb, 2000.

- CARONE, Edgard. **O PCB 1943 a 1964**. São Paulo: Difel, 1982.
- CARRERAS, Martínez. **Introducción a La Historia Contemporánea**. Madri: Istmo, 1986.
- CHAPLIN, Charles. **Minha Vida**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- DALMÁZ, Mateus. **A Imagem do Terceiro Reich na Revista do Globo (1933-1945)**. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2003.
- FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GASTAL, Susana. **Salas de Cinema: Cenários Porto-Alegrenses**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1999.
- GOIDANICH, Hiron. **Nas Primeiras Fileiras**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998.
- GUBERN, Román. **McCarthy contra Hollywood: La Caza de Brujas**. Barcelona: Anagrama, 1970.
- HAINING, Peter. **The Legend of Charlie Chaplin**. New Jersey: Castle, 1982.
- KOUTZII, Jacob. **A Tela Branca**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1997.
- LUNARDELLI, Fatimarlei. **Quando Éramos Jovens: História do Clube de Cinema de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.
- MCDONALD, Gerald. **The Films of Charlie Chaplin**. New Jersey: Citadel, 1977.
- MARÇAL, João Batista. **A Imprensa Operária no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: [s.n.], 2004.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em Guarda Contra o Perigo Vermelho**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- PECEQUILO, Cristina. **A Política Externa dos Estados Unidos**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- RODEGHERO, Carla Simone. **O Diabo é Vermelho: Imaginário Anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)**. Passo Fundo: UPF, 2003.
- SADOUL, Georges. **A Vida de Carlitos**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1952.
- SCHILLING, Voltaire. **América: História e Contradições do Império**. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- SILVEIRA, Walter. **Imagem e Roteiro de Charles Chaplin**. Salvador: Editora Mensageiro da Fé, 1970.